



4132 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

OFICINAS DE LEITURA: uma breve reflexão a partir da Estética da Recepção
Sandra Zely Alves Silva Laranjeiras - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Maria Helena da Rocha Besnosik - UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana

Este artigo apresenta reflexões acerca do processo de formação leitora à luz da perspectiva da Estética da Recepção, com enfoque no horizonte de expectativas do leitor, desenvolvido em Oficinas voltadas para a leitura do texto literário de ficção e formação do leitor. Assim, apresentamos uma breve abordagem da Teoria Recepional, discutindo dados obtidos durante a aplicação de três Oficinas de Leitura, que nos levou à conclusão de que trabalhar o horizonte de expectativas em textos literários de ficção é de grande relevância para uma boa formação leitora. Os encaminhamentos metodológicos adotados para o desenvolvimento deste estudo voltaram-se para alunos do Colégio Estadual Landulfo Alves de Almeida, de Cruz das Almas-Ba, no período de maio e junho de 2018.

Palavras-chave: Estética da Recepção. Leitura. Formação do leitor.

OFICINAS DE LEITURA: uma breve reflexão a partir da Estética da Recepção

1 Introdução

Consideramos a leitura como inerente às práticas sócio-históricas elaboradas pela humanidade e a escola enquanto espaço reservado para a materialidade dessas práticas. Visando a este trabalho recorremos, pois, à escola como campo de investigação da pesquisa de Mestrado, com enfoque em Oficinas de Leitura, com o objetivo de reconhecer, no ato de recepção do texto literário ficcional, a constituição e superação do horizonte de expectativa dos sujeitos envolvidos.

A dinâmica das Oficinas como modalidade de pesquisa coloca o sujeito em posições diversas e, em consequência disso, nos possibilita estimulá-lo a ler com prazer, por fruição, buscando significados nos textos lidos para analisar a si mesmo e sua condição histórica e social, desenvolvendo as mais diversas habilidades de recepção leitora que lhe seja possível desenvolver. Este leitor, no decorrer das Oficinas vai se manifestando espontânea e/ou intencionalmente, visando à interpretação do próprio texto em relação ao mundo que o circunda, sem preocupar-se com cobranças que viriam da didatização da literatura, tão recorrente nos contextos escolares comuns, e da leitura por obrigação pedagógica.

Segundo Walty (2006), transformar o texto, na “lição da literatura”, em algo “estático, engessado” significaria a “morte da literatura, seu aprisionamento”. A autora assinala que a escolarização inadequada da literatura afasta o aluno do texto. Assim, justificamos o teor não didático das Oficinas pensadas neste estudo. Nelas estão relacionados os saberes dos sujeitos da pesquisa – alunos do Ensino Médio – com uma proposta de intervenção constituindo-se, por opção metodológica, no campo empírico investigativo, a partir da intenção de propor aos jovens estudantes contato com uma gama de textos, estimulando o processo de formação leitora, focando o horizonte de expectativas enquanto elemento constituído a partir de seu processo de recepção estética.

Apresentamos, a seguir, parte dos resultados da investigação que integra o projeto mais amplo de uma dissertação de Mestrado escrita e orientada por nós, respectivamente.

As três Oficinas de leitura recortadas para análise deste trabalho foram realizadas nos dias 12/05; 19/06 e 09/07 do corrente ano, com os alunos de Ensino Médio do Colégio Estadual Landulfo Alves de Almeida, em Cruz das Almas-Ba, em 03 sábados, com a carga horária de 03 horas diárias, totalizando 09 h. Cada oficina teve o seu tema gerador, planejado *a priori*.

O trabalho com textos literários é uma oportunidade inigualável de oferecer excelentes aprendizagens no trato com a língua em suas interações sociais. Considerando os textos ficcionais, favorecem elaboração de representações simbólicas do mundo e de si mesmos, das práticas culturais nas quais são envolvidos (CHARTIER, 2001).

Assim sendo, trabalhar os textos de ficção literária apresenta-se como uma oportunidade de intervenção epistemo-metodológica, dialogando com diversos textos. Propomos, pois, para a redefinição das práticas escolares acerca do processo de formação leitora Oficinas de leitura, vistas como práticas discursivas, articuladas metodologicamente a fim de que facilitem a troca dialógica e a construção de sentidos, conforme Spink (2014).

A estética da recepção: O horizonte de expectativas

No contexto mais amplo de história da literatura, a Estética da Recepção trouxe uma nova perspectiva para a autoria textual. O autor não é mais considerado o dono do sentido do texto, pois não pode controlar o(s) sentido(s) que o leitor dá à sua escrita. Assim também o texto deixou de ser mera organização linguística que transmite pensamentos, informações ou ideias de quem o produziu. Isso em função da ênfase dada à relação da linguagem com a sociedade. Para os teóricos da Estética da Recepção (JAUSS, 1997), o leitor passa a ser elemento fundamental na recepção do texto, atribuindo-lhe os mais variados sentidos, interpretando-o conforme experiências de vida e de

leitor. O sentido, enquanto efeito experimentado, passa a ser considerado algo de grande significação já que o texto lhe causa estranhamento e o faz construir sentidos. Para Zilberman (1989), o leitor deve vivenciar esquemas de textos que o levem a ampliar seus horizontes de expectativas e suas habilidades com a leitura literária.

Bordini & Aguiar (1993), após uma pesquisa acerca dos métodos de ensino de literatura, seguindo a Estética da Recepção, desenvolveram o Método Receptivo (MR). Este consiste em colocar o aluno em contato com textos literários, discutindo-os sempre a partir das leituras e do interesse do grupo, seguindo os passos: a) Determinação do horizonte de expectativas; b) Atendimento do horizonte de expectativas; c) Ruptura do horizonte de expectativas; d) Questionamento do horizonte de expectativas; e) Ampliação do horizonte de expectativas. A partir destas orientações, que podem ser tomadas como etapas, o professor/formador, pensará as práticas leitoras e como intervir nelas no sentido de formação leitora com proficiência.

Quando se pensa nos sujeitos escolares, é preciso fazê-los compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. Cosson (2007, p.66), justifica tal razão "por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura."

Para Jauss (1979) o caráter artístico de um texto é dado pelo efeito que o mesmo causa em seus leitores. Cabe à história literária articular "tanto a recepção atual de um texto quanto sua recepção ao longo da história" e cabe a ela, também, articular "a relação da literatura com o processo de construção da experiência de vida do leitor." (1979. p. 42).

Na perspectiva da Estética da Recepção "a obra é um cruzamento de apreensões que se fizeram e se fazem dela nos vários contextos históricos em que ela ocorreu e no que agora é estudada" (BORDINI e AGUIAR, 1993, p.81). A leitura para fruição é importante não só porque contribui na formação do leitor criativo e autônomo, visto que os horizontes propostos pela literatura são ilimitados e suas interpretações, dada a natureza polissêmica da palavra literária, infinitas. Mas, sobretudo, porque nos fornece, como nenhuma outra leitura, as ferramentas necessárias para conhecer e interagir com proficiência com o mundo da linguagem a partir do território da subjetividade.

Nesse sentido, a contribuição da leitura literária na formação de leitores passa pela efetivação de práticas pedagógicas de leitura que tenham o letramento literário como eixo norteador.

Oficinas de Leitura: A constituição dos horizontes de expectativas

As oficinas constituem-se, para este trabalho, a base da pesquisa que visa intervir na realidade leitora do aluno a fim de analisá-la à luz da teoria da Estética da Recepção de Hans Robert Jaus.

Propomos 03 oficinas para um corpo de 15 estudantes, inscritos a partir de interesse próprio. Estas oficinas estão foram planejadas com foco nas narrativas de ficção literária; contemplam suportes teóricos com práticas de leitura dos mais diversos textos literários de ficção.

A recepção de um texto abrange cada uma das atividades que se desencadeia no receptor por meio do texto, "desde a simples compreensão até a diversidade das reações por elas provocadas – que incluem tanto o fechamento de um livro, como o ato de decorá-lo, de copiá-lo, de apresentá-lo, de escrever uma crítica ou ainda o de pegar um papelão e transformar em um personagem ou em qualquer outra coisa."

Tendo em vista tal consideração, realizamos três oficinas com a finalidade de compreender os horizontes de expectativa dos alunos e, a partir daí, elencar mais contato com textos literários para superação. Delas, descrevemos o seguinte:

As Oficinas - O propósito das Oficinas foi apresentar aos alunos participantes aquilo que pensamos realizar em nossos encontros e traçar um perfil identitário do leitor neles constituídos até então, apresentando os objetivos dos nossos trabalhos e apreciando sua participação enquanto interlocutor com o qual dialogaremos no decorrer das atividades. Verificamos, também, os interesses dos alunos, o estilo de vida, as preferências, os valores, a fim de pensar em estratégias de ruptura e de ampliação do Horizonte de Expectativa.

Nesta etapa, centramos nossas atenções na recepção e no posicionamento dos alunos frente ao projeto das oficinas como um todo, preocupados em acolhê-los. Seguimos, então, o passo-a-passo planejado para nossos encontros. Textos propostos:

Oficina I

- **Ler devia ser proibido** – Guiomar de Grammond
- **A arte de ler/1** – Eduardo Galeano. O Livro dos Abraços
- **A Serra do Rola-Moça** – Mário de Andrade
- **O bicho** – Manuel Bandeira

Oficinas II e III

- **Omelete de amoras** – de Walter Benjamin
- **O limpador de Placas** – de Monika Feth

Dos vários textos que constituíram o acervo das Oficinas, tomaremos para análise apenas *A Serra do Rola Moça*, de Mário de Andrade e *O Limpador de Placas* de Mônica Feth, enquanto narrativas ficcionais. As falas abaixo registradas revelam certos constrangimentos, como sentimento de culpa por "não lerem".

Os participantes da pesquisa serão representados pelas letras iniciais dos seus nomes:

A: Gosto de ler, mas sempre que começo a ler um livro não consigo terminar por completo, então procuro ver um filme que se baseia no livro.

L: Não costumo ler. Mas vou procurar ler daqui pra frente.

R: Só gosto de ler mensagens de What's App.

N: Gosto de ler, mas não tenho tempo.

Os alunos alimentam a ideia de que já se nasce gostando de ler, de que a leitura é algo natural. Desconhecem a leitura como algo que deve ser aprendido e que a escola é um espaço no qual devem formar-se leitor. Aqui já temos um elemento de tensão a ser considerado para superação.

A partir da leitura coletiva de **O Limpador de Placas** de Monika Feth os participantes falaram de sua experiência leitora, influência, dificuldades, e se reportaram ao texto lido, livremente.

Para Jauss (1979), a recepção é um momento que se inicia pelo "horizonte de expectativa" e os textos ficcionais exigem passos mais complexos de recepção. A partir dos primeiros movimentos de fala pós-leitura, percebemos que os alunos pouco se aventuram a sair do que Stierle (1979) traz como *estado de fato*, ou seja, o primeiro passo da recepção com vistas ao horizonte de expectativa. Neste momento, reconhece-se o núcleo frasal do que se lê, ação esta percebida na recepção de textos considerados pragmáticos e que se estende para os ficcionais.

Precisamos considerar, na recepção dos textos ficcionais, os mesmos passos da recepção dos pragmáticos. A recepção destes parte dos estados de fato simples – indicia os vazios numa ação catalizadora até o estado de fato complexo – o preenchimento dos vazios torna-se necessários, fruto de uma sequência de estados de fato. Conforme método de perguntas e respostas (JAUSS, 1979), passamos a analisar as falas dos participantes:

- Nas falas referentes do texto Serra do Rola Moça, os alunos se ativeram ao sentido literal do texto; instigados a prosseguirem na interpretação, percebíamos a dificuldade de avançar os estados de fato simples, mal reconhecendo os núcleos frasais que compõem o tema. Com o jogo de "perguntas e respostas" iam avançando no encadeamento de recepção, em busca de mais amadurecimento.
- Com as discussões a partir do texto O Limpador de Placas, percebemos que, os estados de fato desenvolvidos na leitura do texto A Serra do Rola Moça já amadurecera para a clareza dos horizontes de expectativa, mesmo assim ainda nos elementos mais simples dos estados de fato corroborando para a afirmação de Stierle que "a legitimidade estética do julgamento pessoal, mesmo do que só se formulou uma vez, se torna segura de si mesma apenas em face de um processo de formação do julgamento". (p. 134)

Percebemos nas recepções dos textos que a temática do Serra do Rola Moça aproxima-se do horizonte da expectativa dos alunos por sua constituição em verso e linguagem mais realista, por assim dizer, sem a pretensão de deslocá-lo de sua complexidade estética e ficcional. O cordel é mais próximo do aluno, portanto uma narrativa ficcional em versos, com núcleo temático único, pode ser organizado em favor de uma recepção mais imediata. Já o Limpador de Placas traz outras dimensões estéticas que exigem recorrência de outras leituras para ampliação do horizonte de expectativa.

Considerações finais

Considerando toda a Teoria da Estética da Recepção proposta por Jauss, o leitor proposto certamente não é um leitor virtual de textos; trata-se de um leitor específico, com habilidades "refinadas" de leitura, com grande bagagem de conhecimento prévio, ou seja, especializado. O que fazer com um público como o do Colégio Estadual Landulfo Alves de Almeida, cujas experiências leitoras se concentram no universo dos textos contidos nos livros didáticos ou das redes sociais, virtuais é um grande desafio, quanto a orientá-los em sua formação leitora. Este público compõe o leitor real que investigamos e com relação aos textos ficcionais o horizonte de expectativas ainda se encontra no Estado de fato simples, por assim dizer, com raríssimas exceções.

Entretanto, com todas as considerações já apreciadas, as ideias de Jauss introduzem metodologicamente a discussão sobre o aspecto recepcional dentro dos estudos literários. E como estes são práticas sociais também e principalmente, escolarizados, permite que o processo de formação leitora nas escolas públicas possa ser pensado na perspectiva de experiências potenciais de várias modalidades ficcionais literárias a fim de ampliar seus horizontes de expectativa.

Referências

BORDINI, M. G. e AGUIAR, V. T. de. Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas. 2 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

CHARTIER, R. Práticas de leitura. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

COSSON, R. Letramento Literário: teoria e prática. 1ª Edição. São Paulo: Contexto, 2007.

JAUSS, H. R. A Estética da Recepção: Colocações Gerais. In: A Literatura e o leitor: Textos de estética da recepção. Coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SPINK, M. J., MENEGON, V. M., & MEDRADO, B. (2014). Oficinas como estratégia de pesquisa: articulações teórico-metodológicas e aplicações ético-políticas. **Psicologia & Sociedade**, 26 (1), 32-43.

STIERLE, K. . In: **A Literatura e o leitor**: Textos de estética da recepção. Coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

ZILBERMAN, R. **Estética da recepção e história literária**. São Paulo: Ática, 1989.

WALTY, I. L. C. Literatura e escola: antilhões. In: Evangelista, A. A. M. et al. **Escolarização da leitura literária**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 49-58.

